

# VIRIATO

MAURICIO PASTOR MUÑOZ

O herói lusitano que lutou pela liberdade do seu povo

A Esfera dos Livros  
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, n.º 16  
1200-369 Lisboa – Portugal  
Tel. 213 254 101  
Fax: 213 254 104  
[www.esferadoslivros.pt](http://www.esferadoslivros.pt)

Distribuição: Sodilivros, SA  
Praceta Quintinha, lote CC4 – 2.º Piso r/c e c/v  
2620-161 Póvoa de Santo Adrião  
Tel. 213 815 600  
Fax: 213 876 281  
[geral@sodilivros.pt](mailto:geral@sodilivros.pt)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Título da edição original: *Viriato*  
© Mauricio Pastor Muñoz, 2004  
© A Esfera dos Livros, 2006

1.ª edição: Setembro de 2006

Capa: Companhia  
Imagem da capa: © Copyright - Album Archivo Fotográfico

Prefácio e adaptação: José d'Encarnação

Tradução: Luís Santos  
Revisão: Francisco Paiva Boléo  
Paginação: Mariano  
Impressão e acabamento: Tilgráfica  
Depósito legal n.º 245763/06  
ISBN 989-626-028-1

## PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

### VIRIATO – HISTÓRIA E SÍMBOLO...

**M**OCIDADE PORTUGUESA PRESENTE» – por ocasião do seu «2.º Encontro Nacional, em 1958, realizado em Viseu, uma placa de bronze, com o emblema da Mocidade Portuguesa, foi afixada no pedestal granítico da estátua brônzea de Viriato, em Viseu, e tinha estes dizeres. Perto, mas fazendo parte do monumento original, outras duas legendas se liam:

«Aqui mergulham as raízes desta raça viva e forte – imortal na sua essência.»

«No ano de 1940, o povo desta terra comemora os feitos de Viriato.»

Debruçaram-se Carlos Fabião e Amílcar Guerra sobre os traços iconográficos que esta escultura apresenta, no artigo de 1998 que Maurício Pastor refere na bibliografia deste volume<sup>1</sup>. E valerá a pena recordá-los:

«O herói lusitano aparece, barbado, como sempre [...], com túnica curta, cingida na cintura, empunhando uma falcata e defendendo-se com um pequeno escudo redondo, de umbo metálico, radiado. Atrás de si, outros guerreiros empunham espadas

<sup>1</sup> «Viriato: em torno da iconografia de um mito», *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais (7 a 12 de Julho de 1997)*, Cascais, 1998, pp. 33-79.

de antenas, ditas do “tipo Alcácer do Sal” – assim chamadas por terem sido identificadas na necrópole da Idade do Ferro ali escavada no século passado e princípios deste.»

Há, pois, concluem os dois investigadores, uma clara intenção de reproduzir aqui «objectos conhecidos pela investigação arqueológica, buscando a composição de uma imagem com um marcado cunho de autenticidade» (pp. 49-50).

Plantou-se a escultura junto ao monumento tradicionalmente conhecido por «Cava de Viriato», designação que pretende autenticar com um documento real, visível no terreno, o que os livros documentavam: tendo seu território-mãe este interior profundo de Portugal, Serra da Estrela à vista, Viriato aqui se acantonara, em dado momento da sua belicosa existência, para dar cabo do romano invasor.

O herói que apenas carece de armas poucas, de alguns amigos fiéis e, de rosto façanhudo, pronto está para, a todo o custo, defender o solo pátrio. Daí a oportunidade da legenda: «Aqui mergulham as raízes desta raça viva e forte – imortal na sua essência.» A «cava» é símbolo, é terra-mãe onde solidamente se fixam raízes; da sua seiva nascerá uma raça «viva», uma raça «forte», uma raça «imortal», pois nada a poderá fazer soçobrar, ainda que, de quando em vez, pareça estar debilitada. Importa é frisar que a sua essência é imortal. Só faltaria ajuntar: «como Cristo, um dia, prometeu a Afonso Henriques, antes da decisiva batalha de Ourique contra a mourama».

Inserese o monumento, como Maurício Pastor Muñoz bem salienta, neste fervoroso movimento nacionalista que, em 1940, «rejuvenesceu» o país, na solene comemoração de dois patrióticos centenários: o terceiro sobre a dominação filipina, o oitavo sobre a fundação da Nacionalidade. Diríamos que Viriato assumia, aí, na rudeza do «pastor dos Montes Hermínios» a estratégia militar de um Afonso Henriques a lutar contra a mãe que se passara para o «inimigo» de Leão e de Castela; e a coragem ousada dos conjurados do 1.º de Dezembro de 1640, paladinos de um D. João que

assumiria de pronto as rédeas do poder e levaria de vencida os Espanhóis...

Sobre a «cava» já voltaremos, porque importa, desde já, observarmos outra imagem, essa de teor ainda mais oficial, porque integrada numa gramática decorativa do século XIX, no arco da Rua Augusta, «alegoria triunfal da Nação, com intuitos pedagógicos»: VIRTUTIBVS MAIORVM VT SIT OMNIBVS DOCUMENTO – «Às virtudes dos maiores, para que a todos sirva de documento.» Também para ela chamaram a atenção Carlos Fabião e Amílcar Guerra (*ibidem*, p. 48):

«O herói aparece representado aqui com túnica clássica, cingida na cintura, de longos cabelos e face barbada», isto é, correspondendo à noção clássica de «chefe bárbaro, sóbrio, frugal e justo».

Por conseguinte, em meados do século XIX<sup>1</sup>, Viriato figura entre os nossos «maiores», ao lado de Vasco da Gama e de Nun'Álvares Pereira, por exemplo.

No átrio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, há duas pinturas murais: à esquerda, o tema é a Cultura Clássica, da autoria de Joaquim Rebocho; à direita, num outro grande fresco, da autoria de Severo Portela Júnior, o Génio Português é evocado através de personagens como Camões, o Infante D. Henrique, o padre António Vieira, Alexandre Herculano e outros. Viriato está ausente.

Sintomáticas, pois, estas presenças e a sua iconografia, como sintomática poderá ser, em 1955, a ausência de uma alusão ao mito do «herói fundador», no átrio de uma Faculdade de Letras gizada pelo Estado Novo.

No século XVIII, após o terramoto, estamos numa época de renascer das cinzas, digamos assim: há uma luta pela frente, há

<sup>1</sup> Informam C. Fabião e A. Guerra que, embora o projecto desta alegoria constasse dos planos ao tempo do Marquês de Pombal, «somente em 1873 foi concluído [...] não sem que antes se tenham verificado importantes polémicas em torno da sua iconografia e da própria inscrição que deveria ostentar» (p. 48).

que ser heróis – e aí está Viriato, no seu pleno papel de lutador. Na década de 40, o espírito nacionalista andava titilado ao máximo, comemoravam-se vitórias pela integridade do território, pela libertação – e Viriato não podia deixar de ser abnegado exemplo, um exemplo real, despido de manhãs de nevoeiro, porque os seus homens usavam armas bem reais, que os arqueólogos haviam descoberto, era assim. Compreende-se, pois, que, em 1958, a Mocidade Portuguesa o tenha querido homenagear, arvorando-o em ídolo. Na Faculdade de Letras, optou-se por uma visão mais cultural – que lutas, ali, não eram, de certeza, bem-vindas.

Aliás, a propósito desse duplo aspecto – de guerrilheiro e de «general» – que Viriato pode assumir, são também assaz elucidativas as reflexões feitas por Maurício Pastor. Interessa o general quando está em causa o valor militar, a luta armada em que os principais valores são a defesa do «solo pátrio»; já não interessa acentuar o carácter de «bandoleirismo», que as lutas lusitanas não deixaram de assumir, quando a guerrilha começou a «inquinar» o *statu quo*. Maurício Pastor refere-o em relação à ditadura de Franco; nós podemos citá-lo no âmbito das lutas ditas «subversivas» contra o Estado Novo e, mais tarde, da guerrilha «terrorista» no Ultramar português. As possibilidades de comparação eram evidentes e, por isso, o melhor era mesmo... «não levantar muito a lebre», não apresentar modelos!

Nesse domínio, a já citada reflexão levada a efeito por Carlos Fabião e Amílcar Guerra (1998) reveste-se de grande oportunidade, mormente quando, em jeito de conclusão, se assinala a ausência, durante muito tempo – e, sobretudo, do lado português – de projectos de investigação acerca dos Lusitanos:

«É compreensível que, sob o Estado Novo, com a peculiar perspectiva histórica que o caracterizava, tais projectos não fossem particularmente acarinhados, por conterem, previsivelmente, uma promessa de revisão da imagem construída, que servia perfeitamente, tal qual estava.» (P. 52.)

E não deixa também de ser curioso assinalar que já o artigo que ambos os autores haviam publicado seis anos antes<sup>1</sup>, sobre a genealogia do mito de Viriato, haja suscitado, segundo os próprios referem (1998, p. 52), «insólitas reacções de patriótico fervor».

O presente livro de Maurício Pastor Muñoz vem, pois, na hora exacta, repor toda uma reflexão que importava fazer, contextualizando-a quer na actualidade, quer nos tempos quase coevos do «herói», quer nas épocas intermédias da história universal em que esses mitos e seus personagens vieram ao de cima, com intuítos que não deixam de ser «universais»<sup>2</sup>.

Hoje, todos estamos conscientes de que a objectividade em História, se não é um mito (e anátema seria eu se o proclamasse!), tem, pelo menos, vertentes (digamos assim), que determinam o olhar. E nada mais natural, nos nossos dias, que, perante a globalização, se procurem chamar a primeiro plano as identidades nacionais, regionais e locais. Vemo-lo por toda a parte, a servir os mais diversos objectivos, inclusive científicos.

E este será, a meu ver, um dos primeiros méritos da investigação que Maurício Pastor levou a efeito: mostrar como uma figura histórica foi tendo, ao longo do tempo, «imagens» interpretativas de acordo com a filosofia, a mentalidade que estava subjacente a quem a ela se referia. Quando a Mocidade Portuguesa, em 1958, proclama que está presente junto ao monumento que assinala o arrancar de uma luta pela independência do solo pátrio, nada mais está a fazer do que um filósofo da escola cínica da Antiguidade Clássica que empresta a Viriato as virtudes, as atitudes, o modo de acção que ilustram tal filosofia. Tinha Viriato que partir com a noiva em desfilada, ainda a boda se não

<sup>1</sup> Amílcar GUERRA e Carlos FABIÃO, «Viriato: Genealogia de um mito», *Penélope*, 8, 1992, pp. 9-23.

<sup>2</sup> Recorde-se que o autor já se dedica ao tema há algum tempo e que o livro *Viriato – La Lucha por la Libertad*, Madrid, 2000, foi também traduzido para português, conhecendo, em Abril de 2004, a sua 5.ª edição, um sintoma acrescido do interesse que esta problemática desperta.



dera por concluída; tinha Viriato de ser dadivoso para com os seus companheiros de luta; tinha Viriato de ser rude pastor habituado a sofrer na pele a fúria das intempéries; tinha Viriato de se contentar com pouco, poucas falas, muita acção... Assim concebemos os heróis! Ou seja, as perspectivas de análise determinam o que se vê e o que se acentua, independentemente de – como concluem Carlos Fabião e Amílcar Guerra (e Maurício Pastor o assinala por diversas vezes) –, definitivamente, Viriato não ter sido «nem português nem espanhol: foi e será sempre e apenas um lusitano» (p. 53).

Sertório († 72 a. C.) será, também ele, um herói «nosso». Talvez ainda mais nosso, na mentalidade que fomos criando. E, neste caso, o contra-senso ainda é maior! De Viriato se sabe, vagamente, que terá nascido no ocidente peninsular; Sertório é, ao invés, um foragido das guerras civis romanas; aqui se refugia, aqui organiza adeptos, aqui prossegue a luta, que só «manipuladamente» se pode considerar lusitana e – muito menos, claro! – «portuguesa» contra o colonizador estrangeiro.

E aqui entra, necessariamente, André de Resende<sup>1</sup>. As suas *Antiguidades da Lusitânia* inserem-se num clima claramente antiespanhol<sup>2</sup> e, além de Viriato, é Sertório o seu «herói». Um herói culto, devoto, que em Évora se instala, fazendo da cidade o quartel-general das suas operações bélicas: «Escolha acertada, porque se situa

<sup>1</sup> Cfr. em Raul Miguel Rosado Fernandes, *Em Busca das Raízes do Ocidente*, I, Lisboa, 2006, o capítulo «Raízes do Nacionalismo Português em André de Resende» (pp. 295-315).

<sup>2</sup> Escreve Rosado Fernandes (2006, p. 309): «São estas pequenas coisas que o ajudam a tecer uma teia nacionalista na qual pouco a pouco inserirá factos bem mais importantes de ordem histórica e política, como seja Viriato, entre outros, Sertório e outros heróis da Antiguidade ou medievos com os quais tentará formar um núcleo inultrapassável de bravura e celebridade, pela coragem e espírito de sacrifício ou pela indomável bravura. Pois não era esta a época em que os intelectuais castelhanos chamavam a Portugal, Portugalzito, ou Portugalzinho, conforme traduzirmos o latim Portugaiola?»

a cidade no meio da Lusitânia e tem solo fértil, podendo, em caso de necessidade, partir dela e rapidamente colocar-se em todo o lado. Aí tinha a sua casa, ainda hoje de pé, a escrava Júnia Donace e três libertos. Daí tinha conduzido a primeira coorte para a guerra.»<sup>1</sup> É, no entanto, André de Resende intrépido defensor da imagem de Viriato, «primeiro pastor, depois caçador, homem de argúcia extrema e hábil em evitar os perigos», varão de «admirável coragem e moderação a ponto de, depois de ter travado tantas batalhas, nem sequer usar armas mais cuidadas do que as dos outros nem mudar o vestuário ou a alimentação, de tal modo que qualquer soldado parecia mais rico do que o próprio chefe», equilíbrio de alma que «não costuma existir nos hábitos dos ladrões» (*ibidem*, pp. 153 e 154); mas, para ele, repito, herói «verdadeiro» – ou ainda «mais herói» – é, sem dúvida, Quinto Sertório, «homem da maior e também da mais funesta coragem, chefe de grande experiência militar» (p. 159).

Surge, pois, a investigação de Mauricio Pastor Muñoz no momento certo da historiografia peninsular. Urgia rever os textos antigos, pô-los lado a lado, cotejá-los com os dados da Linguística, da Arqueologia, da Epigrafia... enfim, de todo um conjunto de ciências que, nomeadamente a partir da década de 70 do século passado, começaram a ganhar jus de maior presença nos *curricula* universitários quer a nível de docência quer no âmbito da investigação. E se uma obra como a (citada) de João Aguiar, *A Voz dos Deuses*, memórias de um eventual companheiro de armas de Viriato, se baseia fundamentalmente nas *Religiões da Lusitânia*, de José Leite de Vasconcelos, publicadas nos primeiros anos do século XX – e, daí, a importância dada à divindade Endovélico, como símbolo, quiçá, de uma religiosidade própria da Lusitânia –, livros e artigos saídos de há vinte e poucos

<sup>1</sup> Estou a seguir a notável edição publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1996, com introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes (aqui, na p. 161).



anos a esta parte já vão beber informação a estudos que, paulatinamente, se têm vindo a desenvolver do lado de cá e do lado de lá da fronteira portuguesa.

E talvez valha a pena, a este propósito, fazer aqui um parêntesis: é que todo esse movimento histórico-científico se passou a desenrolar cada vez menos «de costas voltadas», pois depressa se entendeu que a Lusitânia compreendia Portugal e boa parte de Espanha, que a província da Hispânia Citerior abarcava Portugal a norte do Douro, que, enfim, a Hispânia poderia, na verdade, apesar das diversidades – tal como hoje –, ter constituído, há dois mil anos... a Hispânia, um todo! E não constituiria admiração, nesses tempos, que um legado imperial viesse de armas e bagagens, um dia, até ao sopé da Serra de Sintra fazer a sua oferenda ao Sol e à Lua e admirar o supremo mistério de o astro-rei, em sua quente e alaranjada majestade, mergulhar serenamente na linha de um horizonte sem fim...

E não nos admira, portanto, que tenha sido um espanhol a dedicar-se à biografia de um Viriato, que muitos declarariam assumidamente «português».

Muito se tem investigado, pois, nas duas últimas décadas, acerca da problemática subjacente à narrativa que Mauricio Pastor Muñoz sabiamente aqui delineou e a cuja apresentação, naturalmente, se não eximiu. Os sucessivos colóquios sobre línguas e culturas páleo-hispânicas<sup>1</sup>; as constantes descobertas de novas epígrafes dando a

<sup>1</sup> Estes colóquios têm-se realizado com regularidade e as suas actas editadas também sem detença. Assim, para não referir todos, direi que o IV Colóquio Internacional de Línguas e Culturas Páleo-hispânicas foi em Vitória, de 6 a 10 de Maio de 1985, e publicaram-se as suas actas no volume 2-3 (1985-1986) da revista *Veleia*, editada pela Universidade do País Basco; o V realizou-se em Colónia (Setembro de 1989): *Lengua y Cultura en la Hispania Prerromana*, Salamanca, 1993; o VI em Coimbra (Outubro de 1994): *La Hispania Prerromana*, Salamanca, 1996; o VII em Saragoça (Março de 1997): *Pueblos, Lenguas y Escrituras en la Hispania Prerromana* (Salamanca, 1999); o VIII em Salamanca (Maio de 1999): *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de*

conhecer topónimos e etnónimos – já conhecidos, ou não, pelas fontes literárias<sup>1</sup>; a constante comparação dos dados arqueológicos, nomeadamente das cerâmicas e suas tipologias; o avanço dos estudos linguísticos chamando à colação os mais diversos argumentos e documentação – tudo isso tem feito com que o universo em que Viriato se movimentou, claramente a época proto-histórica peninsular, se matize, hoje, com bastante claridade.

Resolvidas todas as dúvidas? Fez Viriato dos Montes Hermínios – identificáveis (ou não) com a Serra da Estrela – o núcleo central da sua resistência? Quem eram, afinal, os Lusitanos e como estavam organizados?<sup>2</sup> É a «cava» de Viseu o que resta de um acampamento romano ou, muito pelo contrário, o vestígio evidente das lutas da Reconquista, já em plena Idade Média, portanto?<sup>3</sup> Que significado atribuir ao estranho C invertido que,

---

*Hispania* (Salamanca, 2001); o IX em Barcelona (Outubro de 2004), cujas actas estão no prelo; e anuncia-se para Portugal o X, a realizar em 2007.

<sup>1</sup> Nesse âmbito, tem desempenhado papel relevante a revista *Ficheiro Epigráfico*, que se edita em Coimbra desde 1982 (volume 80 em 2005, com mais de trezentas e sessenta novas epígrafes publicadas), assim como a revista *Hispania Epigraphica*, da Universidade Complutense de Madrid (o vol. 11, datado de 2005, dá a conhecer tudo o que se publicou sobre a epigrafia romana peninsular no ano de 2001).

<sup>2</sup> Sobre os Lusitanos e, de um modo geral, os povos que os Romanos aqui vieram encontrar, tem Jorge de Alarcão publicado nos últimos anos abundante bibliografia, de que destaco: as «Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia», que tem vindo a publicar na *Revista Portuguesa de Arqueologia*: I – vol. 7, n.º 1, 2004, pp. 317-342; II – vol. 7, n.º 2, 2004, pp. 193-216; III – vol. 8, n.º 2, 2005, pp. 293-311; IV – vol. 9, n.º 1, 2006, pp. 131-147. Estas notas haviam sido precedidas por dois ensaios: um, intitulado «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, 2001, pp. 293-349; o outro, «A organização social dos povos do Noroeste e Norte da Península Ibérica nas épocas pré-romana e romana», *Conimbriga*, XLII, 2003, pp. 5-115.

<sup>3</sup> Cf., de Vasco Gil MANTAS, «Arqueologia e História Antiga: dos monumentos aos homens de ontem e de hoje», in José D'ENCARNAÇÃO (coord.), *As Oficinas da História*, Lisboa, 2002, p. 103-129 (sobretudo pp. 118-122);

nas epígrafes do norte, identifica seguramente uma «unidade suprafamiliar», expressão a que María de Lourdes Albertos houve por bem recorrer, dada a indefinição de uma orgânica social visível?<sup>1</sup> Será *castellum*? Será *centuria*?<sup>2</sup> E essas designações étnicas de que divindades como os Lares nos dão conta: os *Cerenaeci*, os *Cairienses*... que significam?<sup>3</sup>

Um aliciante mundo, enfim, ainda por explorar! E, daí, que, ainda na recente mesa-redonda sobre a Lusitânia e os seus mitos (Cascais, Novembro de 2004), Viriato tem sido contemplado não apenas pelo autor deste livro – com a comunicação «Viriato: história compartilhada, mito disputado» –, mas também por João Luís da Inês Vaz («Viseu e Viriato – mito e realidade») e, de modo especial, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, que fez a conferência inaugural precisamente subordinada ao tema «Entre a História e o Mito: a figura de Viriato».

Maurício Pastor Muñoz traça-nos, pois, aqui, uma panorâmica do «mundo» em que Viriato se movimentou; discute a sua historicidade, a sua figura como guerreiro e o relacionamento que teve com o povo lusitano, aproveitando o ensejo para, nessa ocasião, sintetizar, em pinceladas largas, o que se sabe acerca da sociedade, da economia e da religião dos Lusitanos. Embrenhamo-nos, depois, nos confrontos vários que Viriato teve com Roma, para

---

e: «Indícios de um campo romano na “Cava de Viriato”?», *Al-madan*, 12, 2004, pp. 40-42.

Anuncia-se a publicação, ainda no decurso de 2006, da obra *A Cava de Viriato: História de uma Paisagem e Valores Patrimoniais*, da autoria de José Manuel Mascarenhas Filipe Themudo Barata.

<sup>1</sup> Cf. María de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Valladolid, 1975.

<sup>2</sup> LE ROUX (Patrick) et TRANOY (Alain), «O, le mot et la chose – contribution au débat historiographique», *Lucerna*, 1984, pp. 239-255.

<sup>3</sup> Cf. Luís da Silva FERNANDES, «Genii, Lares e Tutela na província da Lusitânia», in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, pp. 179-188.

nos interrogarmos, de seguida, sobre quem foi, afinal, esta personagem: o «chefe» dos Lusitanos, um personagem mítico, um herói, um... rei? Que legado, por fim, nos deixou?

A originalidade da obra não reside apenas nessa tentativa (que podemos dizer alcançada) de relatar factos, alinhando-os cronológica e geograficamente (na medida do possível) mas também – e quiçá esta seja a sua maior valia – no circunstanciado cotejo das fontes literárias, que nos levam, alfim, a ver em Viriato, para além da personagem histórica, um exemplar arquétipo vestido pelos historiadores antigos nas sublimes roupagens das suas ideologias.

Cascais, 25 de Abril de 2006

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Professor catedrático da Universidade de Coimbra